

Verbos de percepção visual na expressão da evidencialidade lexical: usos de ver, olhar e observar em uma perspectiva discursivo-funcional

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3355>

Lua Camilo Nogueira¹

Vítor Henrique Santos da Silva²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo descrever a evidencialidade lexical expressa pelos verbos “ver”, “olhar” e “observar” em língua portuguesa. Para tanto, adotamos os preceitos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e a classificação da evidencialidade proposta por Hengeveld e Hattner (2015) e Hengeveld e Fischer (2018). As ocorrências analisadas provêm do Corpus Brasileiro (SARDINHA; MOREIRA FILHO; ALAMBERT, 2010), do Timestamped JSI Web Corpus 2014-2020 Portuguese (TRAMPUS; NOVAK, 2012), do Iboruna (GONÇALVES, 2006) e do Portuguese Web 2011 (KILGARRIFF *et al.*, 2014). Nossos resultados atestam a produtividade de verbos de percepção visual como uma estratégia para indicar percepções físicas, raciocínios e relatos, corroborando e expandindo resultados de trabalhos anteriores.

Palavras-chave: evidencialidade; verbos de percepção visual; Gramática Discursivo-Funcional.

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; lc.nogueira@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-2046-3240>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; vitor.silva@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-4649-2170>

Verbes de perception visuelle comme des stratégies évidentielles: l'emploi de *ver*, *olhar* et *observar* dans une perspective fonctionnelle-discursive

Résumé

L'objectif de ce travail est de décrire l'évidentialité lexical exprimée par les verbes "ver", "olhar" et "observar" en langue portugaise. Pour ce faire, nous adoptons le cadre théorique de la Grammaire Fonctionnelle-Discursive (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) et la classification de l'évidentialité proposée par Hengeveld et Hattnher (2015) et Hengeveld e Fischer (2018). Les données analysées proviennent de Corpus Brasileiro (SARDINHA; MOREIRA FILHO; ALAMBERT, 2010), de Timestamped JSI Web Corpus 2014-2020 Portuguese (TRAMPUS; NOVAK, 2012), de Iboruna (GONÇALVES, 2006) e de Portuguese Web 2011 (KILGARRIFF *et al.*, 2014). Les résultats attestent la productivité des verbes de perception visuelle à l'expression des valeurs évidentielles, comme des perceptions physiques, des raisonnements et des rapports, car ils corroborent et élargissent les résultats de travaux antérieurs.

Mots-clés: evidencialité; verbes de perception visuelle; Grammaire Fonctionnelle-Discursive.

Introdução

A grande versatilidade funcional dos verbos de percepção visual é atestada por diversos estudos (URBANO, 1993; ROST-SNICHELLOTO, 2009; VENDRAME, 2010; VOINOV, 2013; CARVALHO; GOMES, 2017; HATTNHER, 2018; ROBUSTE, 2018; HENGEVELD *et al.*, 2019; entre muitos outros), os quais demonstram que, além da percepção sensorial, esses verbos podem expressar percepções mentais, posse de conhecimento, funções interacionais-discursivas etc. Uma das funções que desempenham — aquela que interessa a este artigo — é a de marcar lexicalmente a fonte da informação de um enunciado, o que se pode chamar de "evidencialidade lexical", nos termos de Aikhenvald (2004, p. 150).

A esse respeito, Vendrame (2010) e Hengeveld *et al.* (2019), adotando o suporte teórico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), doravante GDF, constatam que verbos de percepção, em português, servem à expressão de diferentes subtipos evidenciais, já que veiculam percepções sensoriais, como em (1); raciocínios, como em (2) e (3); e relato de informações, como em (4).

1. Inf.: é... no dia do desfile... ela desfilô::(u) **vi** ela desfilá::(r)... tava lin::da... aí depois do desfile a gente conversô(u)... (VENDRAME, 2010, p. 136, grifo nosso³).

3 A fim de facilitar a compreensão, as ocorrências apresentadas neste artigo seguirão o seguinte padrão: em negrito, estão os verbos analisados; e sua complementação está sublinhada.

2. Eu **vi** que o carro tinha batido numa bike. (HENGEVELD *et al.*, 2019, p. 275, grifo do autor).
3. eu **vejo**... que os jovens se debata::tem um po(u)co aliás se debatiam até mais... mas hoje em dia... eu sinto... uma... uma::... como se isso tivesse voltado a sê(r) uma tendência... (VENDRAME, 2010, p. 111, grifo nosso).
4. Ontem **vi** no jornal que um jovem de 21 anos matou o irmão de 22. (HENGEVELD *et al.*, 2019, p. 277, grifo do autor).

Os usos dos verbos de percepção apresentados nos exemplos (1-4), além de designarem diferentes ações no mundo extralinguístico, apresentam funcionamentos pragmático e semântico distintos, que são adequadamente explicados pela GDF a partir de sua arquitetura estratificada em níveis e camadas hierárquicos, a qual permite diferenciá-los em termos de seu escopo sobre diferentes camadas do enunciado, como é visto adiante.

Os trabalhos mencionados comprovam, por um lado, a alta produtividade de se expressar lexicalmente a evidencialidade em português por meio de verbos de percepção e, por outro, a adequação da GDF para se analisar o fenômeno em questão. Tomando isso como pressuposto, propomos, neste artigo, a análise de *ver*, *olhar* e *observar* (verbos de percepção visual) a partir do suporte teórico da GDF, a fim de contribuir com a descrição da evidencialidade lexical do português. Nossos dados, além de corroborar resultados de Vendrame (2010) e Hengeveld *et al.* (2019), lançam luz sobre aspectos que não são explorados nesses trabalhos, como a expressão de raciocínios e de relatos por meio dos verbos *olhar* e *observar*; e o favorecimento do uso de *olhar*, combinado com o advérbio *assim* (*assim ó*), em contextos em que o falante emprega uma citação.

Para embasar a descrição aqui apresentada, além do suporte teórico da GDF, adotamos a classificação da evidencialidade de Hengeveld e Hattner (2015), posteriormente expandida por Hengeveld e Fischer (2018), a partir da qual é possível reconhecer cinco subtipos evidenciais, apresentados na terceira seção.

O presente trabalho é um recorte dos resultados de duas dissertações de mestrado, Nogueira (2021), intitulada *A gramaticalização dos verbos “ver” e “olhar” no português falado do interior paulista: uma abordagem discursivo-funcional*, e Silva (2020), intitulada *A expressão lexical da dedução e da inferência em língua portuguesa: uma análise discursivo-funcional*. Ambos os trabalhos são pautados no aparato teórico da GDF e analisam dados reais de língua, utilizando, como universo de investigação, os seguintes *corpora*, cuja totalidade denominamos *amostra original*: *Corpus Brasileiro* (SARDINHA; MOREIRA FILHO; ALAMBERT, 2010), *Banco de Dados Iboruna* (GONÇALVES, 2006) e *Timestamped JSI Web Corpus 2014-2020 Portuguese* (TRAMPUS; NOVAK, 2012). Além desses, para os fins deste artigo, consultamos uma *amostra adicional*, composta por dados do *Portuguese Web 2011* (KILGARRIFF *et al.*, 2014) como um recurso complementar de confirmação de dados.

Este artigo se organiza da seguinte forma: na segunda seção, apresentamos o aparato teórico utilizado para a pesquisa; na terceira seção, definimos e ilustramos a evidencialidade e seus subtipos; na quarta seção, analisamos e discutimos os dados; e, por fim, na última seção, apresentamos algumas considerações finais.

A Gramática Discursivo-Funcional

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF é o componente gramatical de um modelo de interação mais amplo, composto também pelo Componente Conceitual, que lida com a intenção comunicativa do falante e com as representações mentais correspondentes; pelo Componente Contextual, que, entre outras coisas, registra o discurso antecedente e o atual, o contexto real do evento de fala e as relações sociais entre os participantes da interação; e pelo Componente de Saída, no qual a linguagem é articulada por meio da fala, da escrita ou da gestualidade.

A arquitetura da GDF está hierarquicamente organizada na direção *top-down*, pois as operações linguísticas das camadas e dos níveis mais altos determinam as operações das camadas e dos níveis mais baixos. O modelo busca adequação psicológica e, por isso, parte sempre da intenção comunicativa do falante, observando os aspectos pragmáticos e semânticos da linguagem, para só então lidar com a morfossintaxe e a fonologia, as quais geram um *input* de informação linguística que é expressa na forma de fala, escrita ou sinalização manual.

O Componente Gramatical é composto por quatro níveis hierárquicos: o *Nível Interpessoal* (da pragmática e da retórica) trata dos aspectos interacionais de uma unidade linguística, isto é, o papel que ela desempenha na relação entre falante e ouvinte durante a interação conversacional; o *Nível Representacional* (da semântica) lida com o modo como a língua recorta o mundo extralinguístico; o *Nível Morfossintático* codifica as representações interpessoais e representacionais em informação morfossintática, lidando com questões de ordenação e de combinação de unidades; e o *Nível Fonológico* trata de informações sonoras, ainda em um estágio virtual, preparando-as para serem expressas pelo Componente de Saída.

Em relação às camadas que compõem esses níveis, explicamos, a seguir, apenas aquelas que são relevantes para a análise aqui apresentada, destacadas em *itálico*. De acordo com o modelo, elas estão hierarquicamente organizadas, de modo que as mais altas têm escopo sobre as mais baixas, como dito anteriormente.

No Nível Interpessoal, um Movimento é constituído por um ou mais Atos Discursivos sequencialmente ordenados, que, juntos, formam um núcleo configuracional. Cada *Ato discursivo*, unidade básica da gramática, se organiza a partir de uma *llocução*, podendo

conter até dois Participantes (Falante e Ouvinte) e um *Conteúdo Comunicado* (C) como parte de seu núcleo, sendo este último a totalidade da mensagem veiculada.

No Nível Representacional, a camada mais alta na hierarquia é o *Conteúdo Proposicional* (p), um constructo mental que pode ser avaliado a partir de seu valor de verdade. A segunda camada na hierarquia é o *Episódio* (ep), que diz respeito a um ou mais Estados de Coisas dispostos numa sequência tematicamente coerente, apresentando uma unidade temporal e locativa e uma manutenção dos Indivíduos envolvidos. Na sequência, há o *Estado de Coisas* (e), que diz respeito a um evento cuja realização se dá em um tempo e um espaço. O núcleo de um Estado de Coisas é uma *Propriedade Configuracional* (f^c), que se caracteriza pela relação entre unidades, entre as quais estão a Propriedade Lexical e o Indivíduo: a *Propriedade Lexical* (f) especifica lexicalmente outras unidades e, numa predicação, pode ser utilizada como um predicado; o *Indivíduo* (x), por sua vez, é uma entidade concreta e tangível, que ocupa uma porção de espaço.

A respeito da Propriedade Configuracional, também são relevantes as funções desempenhadas pelas unidades que mantêm uma relação entre si, as quais apresentamos a seguir:

(i) *Ativo* (incluindo agente e força): o participante realizando uma função ativa no Estado de Coisas designado;

(ii) *Inativo* (incluindo paciente, tema e experienciador): o participante desempenhando uma função passiva no Estado de Coisas designado;

(iii) *Locativo* (incluindo recipiente, beneficiário, direção, fonte, caminho e possessor): o local (sentido mais geral do termo) onde o Estado de Coisas designado se passa. (KEIZER, 2015, p. 133, tradução nossa,⁴ grifo nosso).

Outro ponto teórico que merece destaque nesta seção são as representações que formalizam as relações linguísticas discutidas ao longo do trabalho, as quais utilizam os símbolos entre parênteses apresentados após o nome de cada camada. O uso dessas representações objetiva formalizar a diferença semântica existente entre os dados apresentados na seção de análise. Outro ponto relevante é que elas estão simplificadas, pois nelas há apenas aquilo que é relevante para nossa argumentação. Para ilustrá-las, tendo em vista que o foco dessas representações é o Nível Representacional, apresentamos uma possibilidade de formalização das camadas desse nível em (5):

4 No original: "(i) Actor (including agent, force): The participant playing an active role in the designated SoA; (ii) Undergoer (including patient, theme, experiencer): The participant playing a passive role in the designated SoA; (iii) Locative (including recipient, beneficiary, direction, source, path, possessor): The location (in the most general sense) where the designated SoA takes place."

5. $(p_1: (ep_1: (e_1: (f_1: [(f_1 \blacklozenge (f_1)) (x_1)_A (x_2)_U] (f_1)) (e_1)) (ep_1)) (p_1))$

A configuração do Nível Representacional nessa formalização é a seguinte: há um Conteúdo Proposicional (p_1), que contém um Episódio (ep_1), constituído por um Estado de Coisas (e_1), cujo núcleo é uma Propriedade Configuracional (f_1^c); esta última, por sua vez, diz respeito a uma relação entre uma Propriedade Lexical (f_1) – que contém um lexema, representado pelo símbolo \blacklozenge – e dois Indivíduos, um com a função de argumento Ativo (x_1)_A e outro com a função de argumento Inativo (x_2)_U.

A seguir, apresentamos a evidencialidade e os subtipos evidenciais propostos por Hengeveld e Hattner (2015) e posteriormente expandidos por Hengeveld e Fischer (2018) e os ilustramos com usos de verbos de percepção como expressão da evidencialidade lexical em língua portuguesa.

A evidencialidade e os subtipos evidenciais de acordo com a GDF

De acordo com Aikhenvald (2018, p. 1, tradução nossa⁵), “há, em toda língua, meios de dizer como se sabe aquilo de que se fala, e o que se pensa sobre o que alguém sabe ou tomou conhecimento”. Ainda segundo a autora (p. 1, tradução nossa⁶), o rótulo *evidencialidade* se aplica apenas à “marcação gramatical da fonte de informação”. Embora fuja do escopo deste trabalho discutir se formas lexicais devem ou não ser consideradas verdadeiros evidenciais, entendemos que há estratégias lexicais que cumprem funções análogas à dos evidenciais gramaticais, as quais são o ponto de partida de nossa investigação.

Neste trabalho, como dito anteriormente, adotamos a classificação da evidencialidade proposta por Hengeveld e Hattner (2015), à qual Hengeveld e Fischer (2018) propõem acrescentar mais um subtipo. Sendo assim, é possível reconhecer cinco subtipos evidenciais, definidos e exemplificados a seguir.

De acordo com Hengeveld e Fischer (2018), a *citação* opera na camada do Ato Discursivo e “representa casos em que a fala de uma pessoa é citada literalmente” (HENGEVELD; FISCHER, 2018, p. 348, tradução nossa⁷). Isso é ilustrado em (6), em que o verbo *dizer* introduz a citação literal da fala de outra pessoa, delimitada pelas aspas.

6. “Vai ter troco”, **disse** à Folha Efraim Filho (PB), líder da bancada de 30 deputados, a oitava da Câmara. (MIRANDA, 2021, p. 57, grifo nosso).

5 No original: “There are, in every language, means for saying how one knows what one is talking about, and what one thinks about what one knows or has learnt”.

6 No original: “grammatical marking of information source”.

7 No original: “they represent cases in which the speech of the reported person is quoted literally”.

A *reportatividade* opera na camada do Conteúdo Comunicado e “indica que a fonte da informação que o falante está transmitindo é outro falante” (HENGEVELD; HATTNER, 2015, p. 484, tradução nossa⁸). Como se vê em (7), a informação “remoer o passado as fez se sentir pior” é posta como dita por outra pessoa.

7. Após o primeiro dia de escrita, a maioria das pessoas **disse que** remoer o passado as fez se sentir pior. (MIRANDA, 2021, p. 56, grifo nosso).

Embora citação e reportatividade tratem de informação relatada, operam em camadas diferentes do enunciado; em português, essa diferença pode ser, grosso modo, associada à distinção entre discurso direto e indireto: na *citação*, enxerga-se claramente a fala daquele que cita e a daquele que é citado; na *reportatividade*, a fala do outro é incorporada à daquele que a relata, ainda que a alteridade das palavras esteja indicada explicitamente.

A *inferência* opera na camada do Conteúdo Proposicional e “o falante [a] usa para indicar que infere certa porção de informação a partir de seu próprio conhecimento existente” (HENGEVELD; HATTNER, 2015, p. 485, tradução nossa⁹). Isso é ilustrado em (8), em que, a partir de seu conhecimento prévio, o falante infere a causa da morte de uma pessoa, e esse raciocínio é indicado por meio do verbo *deduzir*.

8. Amava a família e perdeu filhos quando eram ainda crianças. Morreu de causas desconhecidas, mas **deduzo** que foi de tuberculose. Havia uma epidemia de tísica na época em Londres e muitos padeceram. (SILVA, 2020, p. 59, grifo nosso).

Em (9), o mesmo verbo atua como uma estratégia distinta, agora expressando *dedução*, que é “usada para indicar que a informação apresentada pelo falante é deduzida com base em evidência perceptual” (HENGEVELD; HATTNER, 2015, p. 486, tradução nossa¹⁰). Em (9), o raciocínio se apoia em uma percepção sensorial, um odor, não se baseando apenas no conhecimento interno do falante, como em (8).

9. Desculpe o sherlockismo, mas [pelo] seu hálito **deduzo** também que andou bebendo. (SILVA, 2020, p. 59, grifo nosso).

Por fim, há a *percepção de evento*, usada quando “o falante indica se presenciou ou não diretamente o evento descrito em seu enunciado” (HENGEVELD; HATTNER, 2015,

8 No original: “[...] indicate that the source of the information that the speaker is passing on is another speaker”.

9 No original: “[...] to indicate that he infers a certain piece of information on the basis of his/her own existing knowledge”.

10 No original: “[...] evidential distinctions that are used to indicate that the information the speaker presents is deduced on the basis of perceptual evidence”.

p. 487, tradução nossa¹¹). Isso está ilustrado em (10), em que o falante testemunha, por meio da audição, a ação de cantar realizada pelos pássaros.

10. Sete e meia da manhã. Cruzo a cidade adormecida e escura. Já no centro, perto do trabalho, **ouço passarinhos cantando**. Passarinhos cantando. Em pleno janeiro. (VENDRAME, 2010, p. 135, grifo nosso)

Na próxima seção, ilustramos os sentidos evidenciais de *ver*, *olhar* e *observar* por meio dos dados obtidos a partir dos *corpora* investigados.

Ver, olhar e observar na expressão da evidencialidade lexical

Vendrame (2010) e Hengeveld *et al.* (2019) atestam a produtividade da complementação para expressar lexicalmente a evidencialidade em português por meio de verbos de percepção. A partir dos resultados de Vendrame (2010), obtém-se a seguinte representação semântica para esse tipo de ocorrência:

11. $(p_1: (ep_1: (e_1: (f_1^c: [(f_1) \blacklozenge_v (f_1)] (x_1)_A (v_1)_U] (f_1^c)) (e_1)) (ep_1)) (p_1))$

Nessa representação, a variável genérica *v* ocupa a posição de argumento Inativo $(v_1)_U$ da Propriedade Configuracional para representar que ali poderiam figurar diferentes unidades semânticas, a depender do subtipo de evidencialidade empregado pelo falante: Conteúdo Comunicado (C), no caso da reportatividade; Conteúdo Proposicional (p), no caso da inferência; Episódio (ep), no caso da dedução; e Estado de Coisas (e), no caso da percepção de evento. Dito de outra forma, os subtipos evidenciais podem ser diferenciados a partir da relação que se observa entre o verbo e a natureza semântica da oração subordinada objetiva direta.

Por essa razão, como decisão metodológica, focalizamos, neste artigo, ocorrências dos verbos *ver*, *olhar* e *observar* nas quais eles atuam como núcleo de uma oração matriz em uma relação morfossintática de complementação, do tipo “[eu] *ver/olhar/observar* [que] X”, em que “X” pode corresponder a unidades de naturezas pragmática, semântica e morfossintática distintas. Esses verbos também aparecem em outros padrões morfossintáticos, mas, por ser a complementação o mecanismo mais comumente utilizado para se expressar os subtipos evidenciais analisados neste estudo (cf. NOGUEIRA, 2021; SILVA, 2020), nós a elegemos como fio condutor da análise. A única exceção a esse padrão é o verbo *olhar* em sua forma *ó*, que usamos para discutir o subtipo evidencial de citação. Neste caso, conforme abordamos mais adiante, o verbo perdeu traços lexicais de predicador verbal (por isso deixa de ser núcleo oracional) e ganhou traços gramaticais de operador (cf. NOGUEIRA, 2021).

11 No original: “[...] the speaker indicates whether or not he witnessed the event described in his utterance directly”.

No que diz respeito à identificação das ocorrências ilustrativas de análise, se provenientes do *Corpus Brasileiro*, utilizamos “CB”, seguido do gênero textual (Academia [Aca], Política [Pol] e Jornalismo [Jou]) e da sigla da fonte (Artigos [Art], Variados [Mis], Jornais [New] e Sessões de Política [SoP]). Por sua vez, se provenientes do *IBORUNA*, utilizamos “AC”, que se refere ao tipo de amostra (censo), seguido do número do inquérito do qual extraímos a ocorrência, e posteriormente pelo tipo textual (narrativa de experiência [NE], narrativa recontada [NR] ou relato de opinião [RO]), seguido do número da linha do texto do documento. As ocorrências tiradas do *Timestamped JSI Web Corpus 2014-2020 Portuguese* são identificadas com a sigla do *corpus* (JSI), acompanhada pelo domínio da internet de onde a ocorrência provém; as ocorrências do *Portuguese Web 2011*, de modo semelhante, são identificadas com a sigla do *corpus* (PW), seguida do *site* de onde elas provêm.

A seguir, discutimos as ocorrências em que *ver*, *olhar* e *observar* são utilizados para marcar o modo com uma informação foi obtida. Esses verbos se apresentam no molde apresentado em (11) para expressar percepção de evento, dedução, inferência e reportatividade; e, especificamente no caso de *olhar*, conforme já explicamos, o verbo apresenta-se em uma forma diferente, acompanhando citações.

Percepção de evento

Quando *ver*, *olhar* e *observar* veiculam uma percepção visual, mas, em vez de um Indivíduo, seu complemento objeto é um Estado de Coisas, é possível reconhecer, neste uso, a expressão da percepção de evento:

12. “eu quero usá(r) maquiagem compra pra mim?” – ela falô(u) assim – “não T. cê é muito nova” – ... porque eu **vejo** as menina passá(r) eu quero passá(r) (AC-014; RO: L. 331-333).
13. aí tava lá conversan(d)o c’os familiar dele inclusive com o pai dele... meu Deus quando eu **olho** ele me chaman(d)o... desesperado... (AC-103; NR: L.176-177).
14. - Ela se aproxima lentamente e eu **observo** um gato passeando em volta da lixeira. (CB:Jou:New).

Nos três exemplos, o que o falante percebe é a realização de um evento: em (12), as meninas passarem maquiagem; em (13), uma pessoa chamando por outra; e em (14) um gato passeando em volta da lixeira. O falante emprega esses verbos para indicar que atestou diretamente, por meio da visão, a ação da qual fala.

A representação semântica simplificada de uma ocorrência como essa pode ser vista em (15), em que o “v” em subscripto indica um lexema verbal (e não nominal ou adjetival):

15. (fc_v: [(f_v: ver_v(f_v)) (x_v)_A (e_v: –as meninas passarem– (e_v))] (fc_v))

Nessa representação, o argumento Inativo da Propriedade Lexical (f_i) *ver* é ocupado por um Estado de Coisas (e_j), morfossintaticamente codificado como uma oração reduzida. Em outras palavras, a fim de veicular o sentido de percepção de evento, *ver*, *olhar* e *observar* são utilizados como um predicador que especifica a percepção visual de um Estado de Coisas por um Indivíduo.

Dedução

Os verbos de percepção, ao marcar dedução, funcionam como uma estratégia para indicar que a informação apresentada pelo falante não foi percebida por meio de um dos sentidos, mas que é uma conclusão a que se chega a partir de um estímulo sensorial, conforme se observa em (16-18).

16. O que é que estou vendo agora e que me assusta? **Vejo que ela vomitou**. Um pouco de sangue, vasto espasmo. (CB:Lit:Mis).
17. “Quando ouvi o barulho, eu falei: ‘tem gente soltando foguete essa hora na rua?’. Aí perguntei para o porteiro. Ele falou: ‘não é foguete não, é bala mesmo’. Aí eu saí na janela, **olhei que era por aqui**, o barulho”. “A gente fica insegura, né! É um medo que dá. (JSI:globocom).
18. Ao mostrar as capoeiras faz questão de sobrepor-se com o conhecimento que tem da floresta: Vejam vocês, disse a um grupo que o visitou em maio, esta área de oito anos foi replantada com orientação e mudas fornecidas pelo IBAMA. Agora esta aqui tem apenas três anos e foi plantada por mim com sementes e mudas colhidas na floresta. Está mais alta e tem de tudo. Então, eu **observo**, eu **vejo que o sistema natural tem um comportamento melhor**. (CB:Pol:SoC).

Em (16), a partir do sangue que vê, o falante deduz que alguém vomitou naquele lugar. A ação de vomitar não é presenciada por ele, mas, a partir dos indícios que percebe no ambiente, é capaz de chegar a essa conclusão. Em (17), por causa do barulho que ouve, a falante deduz que os tiros estão sendo disparados perto de onde ela está. A mulher não é capaz de ver as pessoas disparando perto dali, mas chega à conclusão de que lá estão por causa da intensidade do barulho, provavelmente. Relevante notar que, apesar de falar de um som (“olhei que era por aqui, o barulho”), a falante usa um verbo de percepção visual, o que é mais uma pista para recuperar um sentido de raciocínio, e não um de percepção auditiva. Em (18), a partir da diferença de crescimento que se observa entre árvores plantadas com mudas do IBAMA e as cultivadas a partir de mudas retiradas da própria floresta, o falante deduz que o sistema natural é mais eficaz que o proposto pelos humanos. Ao comunicar esse raciocínio, usa primeiro o verbo *observar*, atualizando-o por *ver* posteriormente, mostrando a proximidade funcional entre eles. Em todos os casos, embora os verbos não mais veiculem o sentido de percepção visual, o raciocínio que marcam é embasado por uma percepção dessa natureza e está intimamente relacionado a ela, fato que aponta a proximidade que existe em todos os usos apresentados até aqui.

Ocorrências como (17), embora pouco frequentes, sugerem que o esquema mais geral de que participam outros verbos de percepção visual licencia alguns falantes a empregarem *olhar* com sentido dedutivo, ainda que esse não esteja entre suas funções mais usuais. Essa informação é aqui destacada porque, diferentemente do que afirmam Hengeveld *et al.* (2019), que não encontram ocorrências de *olhar* com esse sentido, é possível, sim, que esse verbo expresse dedução e tenha como complemento um Episódio.

A representação semântica simplificada das ocorrências apontadas nesta seção é como a apresentada em (19):

19. (fc_i: [(f_i: ver_v(f_i)) (x_i)_A (ep_j: -que ela vomitou- (ep_j))] (fc_i))

Em (19), a Propriedade Configuracional (f^c_i) é caracterizada pela relação entre o verbo de percepção, representado pela Propriedade Lexical (f_i), um Indivíduo na posição de argumento Ativo (x_i)_A e um Episódio na posição de argumento Inativo (ep_j)_I. É o fato de ser um Episódio o complemento do verbo que permite reconhecer, nesses usos, a dedução.

Inferência

Apenas *ver* e *observar* foram encontrados, na *amostra original*, servindo à expressão da inferência:

20. É importante que as Universidades estejam abertas, porque se não for assim, **vejo que o caminho vai ser os povos, dentro das suas realidades, em suas regiões, cada povo vão acabar criando uma universidade indígena.** E isto é possível porque a lei garante uma universidade intercultural, com corpo docente indígena, com o seu gerenciamento com os indígenas. (CB:Edu:Mis).

21. A partir da minha experiência na assessoria a projetos de educação de diversas prefeituras, **observo que estes subsídios podem contribuir para a definição de eixos de trabalho.** (CB:Aca:Art).

Nesses exemplos, o falante não percebe diretamente a ocorrência de um evento por meio da visão, mas conclui algo a partir de seu conhecimento existente. Em (20), levando em conta o que sabe sobre as universidades não serem acessíveis aos povos originários, o falante infere que não há outra saída, senão a criação de universidades regionais. Em (21), por sua vez, o falante, a partir do conhecimento que acumula em sua experiência profissional, infere que há a possibilidade de certos subsídios contribuírem para a definição de eixos de trabalho.

Como não encontramos esse tipo de sentido veiculado por *olhar* na *amostra original*, buscamos, na *amostra adicional*, ocorrências com este verbo com sentido de inferência a fim de verificar, num universo ampliado de investigação, a possibilidade desse uso.

Mesmo assim, nenhuma ocorrência desse tipo foi encontrada. Com efeito, o sentido mais comumente expresso pelas ocorrências do tipo “*olho/olhei que X*” é o de “notar”, “dar-se conta”, que, apesar de não veicular um raciocínio como o existente na dedução e na inferência, envolve mais subjetividade que a simples percepção sensorial expressa pela percepção de evento. Vejamos, a seguir, exemplos desse tipo de uso.

22. O Shane é menor que o Audinwood, mas ainda assim você ficará em desvantagem no quesito alcance... Eu achava que conseguira trocar com o Pat, mas chegou na hora da pesagem e **olhei que o queixo dele era lá em cima** e pensei “putz, acho que vou ter que pular pra acertar ele”. (PW:Br:tatame.com.br).
23. No momento em que recebeu a bola, antes de cruzar a linha do meio-campo, cortar o adversário e fuzilar o goleiro Danilo, Marcos Vinícius recebeu um combustível a mais vindo das cadeiras do Mineirão. “Quando peguei a bola e ouvi a torcida gritando, já **olhei que estava mano a mano com o zagueiro**. Apostei na velocidade, pois seria difícil para o zagueiro fazer o giro”. (PW:Br:otempo.com.br).

Em (22), apesar de acreditar que conseguiria rivalizar com o outro lutador, o falante se dá conta de que o queixo de seu oponente está fora de seu alcance e, por isso, terá que pular para acertá-lo. Nota-se que o falante pode ver o queixo do outro com os próprios olhos, mas não deseja comunicar uma simples percepção sensorial dessa parte do corpo: nesse enunciado, ele informa que se dá conta da informação veiculada. Nesse sentido, a expressão *dar-se conta* ou o verbo *notar* poderiam substituir *olhar* sem alteração de sentido: [*notei/me dei conta de*] *que o queixo dele era lá em cima*.

Em (23), o sentido de uma “percepção atrasada” é ainda mais evidente: a atenção do falante está concentrada na bola e na torcida gritando, até que, repentinamente, volta-se ao goleiro e à proximidade entre eles; o verbo *olhar* é empregado, nesse contexto, para marcar tal transição. Há, portanto, um descompasso entre os sentidos e a atenção do falante: ainda que algo esteja dentro de seu campo de percepção sensorial, sua atenção não está voltada àquilo, o que o faz ignorar a presença dessa coisa; subitamente, a atenção do falante se volta a ela, e ele se torna consciente da presença/existência da coisa. O que parece acontecer em ocorrências como essas não é um raciocínio dedutivo ou inferencial, em que o falante chega a uma conclusão sobre algo que não está disponível a seus sentidos diretamente; pelo contrário: é uma coisa que está acessível aos sentidos, mas da qual só se passa a ter consciência posteriormente.

O termo cunhado por Reuse (2003) para um fenômeno gramatical de funcionamento semelhante a esse é *deferred realization* (*realização diferida*, em tradução literal), cuja função é marcar “o fato de que o falante não tinha nenhuma consciência do evento ou estado no momento em que [a ação] ocorreu, mas percebeu o que aconteceu em um

momento posterior” (REUSE, 2003, p. 86, tradução nossa¹²). Esse rótulo parece adequado para descrever ocorrências como as apresentadas em (22) e (23), ainda que como uma hipótese. Portanto, seria necessário um estudo futuro sobre esses usos de *olhar*, assim como de *ver* e *observar*, além de outros verbos de percepção, para confirmar se se trata realmente de *deferred realization*. Um estudo nesse sentido contribuiria não só para a descrição do uso desses verbos em língua portuguesa, mas seria importante também para o entendimento de como a subjetificação é marcada na língua, já que ocorrências desse tipo se mostram um excelente lugar para a análise dos processos de mudança que se realizam a partir da percepção sensorial em direção à percepção mental.

Retomando os exemplos (21) e (22) de inferência, eles diferem dos de dedução porque o raciocínio neles contido não responde a um estímulo perceptual, como em (16-18), mas se elabora unicamente a partir de um conhecimento interno ao falante. Em termos semânticos, a complementação também é diferente, conforme apresentada abaixo:

24. (fc_i; [(f_i: ver_v (f_i)) (x_{iA}) (p_j: -que não tem justificativa para minha filha não ter pegado a vaga- (p_j))] (fc_i))

Nessa representação, o argumento Inativo do Propriedade Lexical (f_i) *ver* é um Conteúdo Proposicional (p_j), pois o sentido que esse verbo marca é o de inferência, e não o de dedução, que teria como complemento um Episódio, como foi visto anteriormente.

Reportatividade

Além de percepções visuais e raciocínios, é possível que um verbo de percepção também indique repasse de informação:

25. assim é muito sensacionalismo né? que nem o Faustão LEva... vamo(s) supor algum ator pra se mostrá(r) a vida então pare::ce:: as pessoas falan(d)o que aquela pessoa é o supra-sumo... tá certo... né?... SÃO todo mundo tem seus pontos negativos seus pontos positivos mais assim... é mui::to:: né? todo mundo ficá(r) choran(d)o que nem esses dias eu **vi** na Folha de São Paulo que o::... Marcos Paulo foi lá e num chorô(u) nenhum momento então [Doc.: ((risos))]... acharam que ele:: assim é muito durão eu/ eu/ eu num vi eu só só li na Folha de São Paulo criticando o Marcos Paulo porque ele num tinha chorado... (AC-118; RO: L.548-557).
26. José Neves, sobre Josemar, não sei como Mauro Fernandes o contratou. Como tampouco entenderia fosse das Séries A, B ou até alguns da C. **Olhei** na ficha técnica que ele atuou no 5x1... Só pode! (PW:Br:arquivancada.blog.br).

¹² No original: “the fact that the speaker had no awareness of the event or state at the time that it occurred, but realized what had occurred at a later time”.

27. agora lendo os jornais deste domingo **observei** na capa do Diário da Manhã que Paulo Bonamigo não é mais o técnico do Goiás, o que para mim não é nenhuma novidade pois isso era natural de acontecer. (PW:Br:uol.com.br).

Em (25), a oração *eu vi na Folha de São Paulo* indica que a informação apresentada pelo falante, o fato de o Marcos Paulo não ter chorado em nenhum momento, foi originalmente produzida por outra pessoa, difundida, no caso, por uma matéria jornalística. Em (26), a informação *que ele atuou no 5x1* não provém do próprio falante, mas é obtida a partir da leitura de uma ficha técnica; em (27), por sua vez, a informação *que Paulo Bonamigo não é mais o técnico do Goiás* também é lida pelo falante em uma capa de jornal. Em todos os casos, o falante não presencia os fatos que apresenta nem sabe deles por meio de um raciocínio, mas tem conhecimento de sua existência a partir de um repasse de informação, que, nesses casos, acontece especificamente por meio de relatos escritos.

Hengeveld *et al.* (2019) não preveem o Conteúdo Comunicado como uma complementação possível de *olhar* e *observar*, e, nesse sentido, as ocorrências aqui apresentadas representam um avanço descritivo, pois evidenciam e ilustram a possibilidade de essa unidade ser encaixada pelos verbos mencionados.

Relevante dizer que o fato de não termos encontrado ocorrências de inferência com *olhar*, mas termos encontrado ocorrências de reportatividade, não representaria um problema teórico para a GDF. A teoria prevê que um item possa codificar estratégias de um nível diferente (nesse caso, o Nível Interpessoal) sem ter passado por todas as camadas do nível em que se origina (o Nível Representacional). Portanto, não codificar a inferência não fere as hierarquias propostas pela GDF, já que marcá-la antes de expressar a reportatividade não é uma exigência do caminho de expansão funcional prevista pela teoria em questão.

A representação semântica simplificada de usos como os de (25-27) é a seguinte:

28. $(fc_i; [(f_i; ver_v(f_i)) (x_i)_A (C_i; \text{—que o Marcos Paulo foi lá e não chorou nenhum momento—} (C_i))]) (fc_i)$

Em (28), o argumento Inativo da Propriedade Lexical (f_i) a que corresponde o verbo *ver* é preenchido por um Conteúdo Comunicado $(C_i)_U$. Nessa relação entre um Indivíduo e um Conteúdo Comunicado, especificada por um verbo de percepção, pode-se reconhecer a indicação do relato de uma informação, uma estratégia lexical para expressar reportatividade.

Citação

Os verbos *ver* e *observar* servem para veicular informação relatada que é incorporada às palavras do falante, mas não aquela que é citada literalmente; isso se depreende do fato

de não ter sido encontrada nenhuma ocorrência de *ver* e *observar* como indicativos de citação. O verbo *olhar*, por outro lado, aparece precedido por *assim* antes de falas citadas literalmente, como as apresentadas a seguir:

29. O patrão falou **assim ó**: ‘Vou te dar isso aqui por metade de seus tempos aí’, que era uma mixaria, que pegou, plantou, produziu, hoje está bonito, fez suas casinhas, tem seus filhos, tem seus netos... E hoje querem atropelar. (PW:Br:r2cpress.com.br).
30. a igreja católica é **assim óh** – “Venha que nós vamos te ajudar” – né? – “nós vamos tentar o possível” (AC-023; RO: L. 509-510).

Em (29) e (30), a combinação *assim ó* precede dois enunciados citados, *Vou te dar isso aqui por metade de seus tempos aí* e *Venha que nós vamos te ajudar*. Em (29), a presença do verbo *falar* já é suficiente para indicar que o enunciado é citado pelo falante, mas, apesar disso, ele emprega *assim ó*, como se isso reforçasse que aquele foi o modo como a fala foi originalmente produzida. Em (30), por outro lado, a combinação *assim ó* está presente antes do enunciado citado, ainda que não haja a presença de um verbo de dizer, o que pode ser uma pista de que seu uso é favorecido pelo emprego da citação, e não do verbo *falar*.

Importante salientar que, aparentemente, em nenhum dos casos, o verbo *olhar* seria imprescindível para que permanecesse o sentido citativo, como se vê nas modificações propostas em (31) e (32):

31. O patrão falou **assim**: “Vou te dar isso aqui por metade de seus tempos aí”.
32. A igreja católica é **assim**: “Venha, que nós vamos te ajudar”.

Embora essas modificações mostrem que o sentido citativo permaneceria mesmo na ausência de *ó*, por que então sua coocorrência com *assim*, antes de a citação ser introduzida, é rotineira? Nos casos em que nenhum verbo *dicendi* é utilizado, o sentido de citação seria marcado pela junção de *assim + ó* ou por algum outro fator alheio à junção desses elementos? Ou, então, o advérbio *assim*, por si só, seria suficiente para veicular a citação, e teria *ó* outra função discursiva?

Para tentar responder a essas perguntas, é necessário levar em conta alguns dos resultados apontados em Nogueira (2021) acerca da gramaticalização de *olhar*. De acordo com a autora, o item verbal em questão se mostra altamente produtivo e frequente enquanto marcador discursivo, veiculando, entre outros, os seguintes valores pragmáticos-textuais: prefaciador, interjetivo, atenuador, adversativo, instrucional. Conforme a autora, 73,1% dos usos voltados à interação discursivo-pragmática averiguados na pesquisa são com *olhar*, que, nesses casos, perde estatuto lexical de predicador verbal e adquire traços gramaticais, atestando a mudança de forma e conteúdo prevista por Hengeveld (2017). As ocorrências (33-35) ilustram alguns usos desses tipos.

33. o do(u)tor levantô(u) minha camisa falô(u) – “o que foi isso aí?” – eu falei – “foi: espeto” – falô(u) – “óh cada um põe o nome de espeto no que qué(r)... mas eu tenho sete ano de carre(i)ra... isso pra mim é uma facada... se quisé(r) falá:(r) pode falá(r)”. (NOGUEIRA, 2021, p. 127).
34. é... pa combatê(r)... até a sucuri ficá(r) de tamanho... pa comê(r) uma capivara... óia o tanto de pe(i)xe que ela num vai comê(r). (NOGUEIRA, 2021, p. 128).
35. [...] Alma Gêmea ela tá tratân(d)o direitinho ou tem muitas coisas que são [distorcidas]? Inf.: **olha**... eu pa falá(r) a verdade... eu quase num assisto é um ou o(u)tro capítulo... ma::s eu acho que assim que::... certas partes/ em parte... em partes é real... e um po(u)co... fantasia. (NOGUEIRA, 2021, p. 129).

De acordo com Nogueira (2021), em (33), há um uso de natureza interativa, em que óh funciona como prefaciador de opinião, nos termos de Rosa (1992 *apud* ROST-SNICHELOTTO, 2009, p. 273), visto que o falante expõe, a princípio, sua opinião sobre o assunto, isto é, antes de o médico dar o diagnóstico (é uma facada), ele exprime um comentário acerca do que vai dizer posteriormente. Em (34), o valor discursivo veiculado por óia é interjetivo, demonstrando o espanto do falante e evocando, ao mesmo tempo, a atenção do ouvinte a fim de dar continuidade à interação (GUERRA, 2007). Por fim, em (35), *olha* tem função discursiva atenuadora, servindo para amenizar a negatividade do comentário, em relação à distorção da realidade, que o falante fará acerca da novela em resposta à pergunta feita pelo documentador.

Diante disso, nossa hipótese é que as ocorrências (29) e (30) exemplificam usos em que *assim ó* assumam função enfática, em que o falante, por meio desses usos em contexto de citação, deseja elucidar o *modo* como o conteúdo a ser comunicado foi dito e dar ênfase à fala literal, imitando aspectos da produção original, sobretudo a mensagem do enunciado, mas possivelmente também a voz da pessoa citada, seus gestos e expressões. Nesse caso, *olhar* não figuraria como uma Propriedade Lexical dentro de uma Propriedade Configuracional, como nas ocorrências de percepção de evento, dedução, inferência e reportatividade apresentadas até aqui, mas diria respeito a um operador de ênfase (*emph*) do Ato Discursivo, conforme se vê em (36).

36. (**emph** A₁[...] (A₁))

Registramos aqui essas indagações, que nos surgiram a partir das análises iniciais dessa combinação entre *assim* e *ó* em contexto de citação, na esperança de que elas possam instigar outros pesquisadores a também se debruçarem sobre o tema.

Conclusões

Como foi visto ao longo do artigo, verbos de percepção visual, especificamente *ver*, *olhar* e *observar*, podem ser utilizados para expressar lexicalmente a evidencialidade, indicando

não só percepções realizadas por meio da visão, mas também para exprimir raciocínios e relatos. Quando expressos por complementação, esses sentidos diferem semanticamente a partir da natureza do complemento que o verbo toma: um Conteúdo Comunicado, no caso da reportatividade; um Conteúdo Proposicional, no caso da inferência; um Episódio, no caso da dedução; e um Estado de Coisas, no caso da percepção de evento.

Nesse sentido, nossos resultados ratificam afirmações de trabalhos anteriores, como Vendrame (2010) e Hengeveld *et al.* (2019) – que já previam a produtividade de verbos de percepção para expressar lexicalmente a evidencialidade em português –, ao mesmo tempo em que trazem novas contribuições para a discussão sobre o tema, na medida em que apresentam usos de *olhar* e *observar* não atestados anteriormente. Além disso, este artigo também lançou luz sobre o sentido de *deferred realization* ou de “dar-se conta”, veiculado por pelo menos um dos verbos de percepção analisados, cuja descrição geralmente fica ofuscada pelas demais funções que esses verbos desempenham.

A respeito dos subtipos evidenciais expressos por *ver*, *olhar* e *observar*, verificamos o seguinte: nos dados analisados, a percepção de evento e a dedução são veiculadas pelos três verbos; a inferência exprime-se por meio de *ver* e *observar* apenas; a reportatividade é encontrada também com os três verbos analisados. Além disso, constatamos que *olhar*, em um estágio mais gramaticalizado (como operador), em combinação com *assim*, aparece no entorno de construções citativas, provavelmente para dar ênfase ao fato de que um enunciado é citado literalmente, de maneira semelhante àquela como foi originalmente proferido. Esta, no entanto, é uma hipótese, que precisa ser testada em trabalhos futuros. Aqueles que se propuserem a responder às questões aqui apresentadas certamente contribuirão muito para o entendimento aprofundado acerca do processo de gramaticalização do verbo *olhar*, para uma melhor compreensão das construções citativas no português brasileiro; e para o conhecimento acerca da trajetória de mudança linguística que os verbos de percepção visual seguem.

Agradecimentos

Agradecemos a Marize Mattos Dall’Aglio-Hattner pelas generosas contribuições a este trabalho e pela atenciosa leitura. O presente estudo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Y. Evidentiality: The Framework. In: AIKHENVALD, A. Y. (ed.). *The Oxford Handbook of Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 1-55.

CARVALHO, C. S.; GOMES, J. C. C. OLHA, OLHE e OH: gramaticalização do verbo OLHAR na fala popular soteropolitana. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 57, p. 297-218, 2017.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): o português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo. *In: Relatório científico parcial II à FAPESP*. São José do Rio Preto: FAPESP, 2006.

GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2007.

HENGEVELD, K.; FISCHER, R. A'ingae (Cofán/Kofán) Operators. *Open Linguistics*, v. 4, p. 328-355, 2018.

HATTNER, M. M. D. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. *Entrepalavras*, v. 8, n. esp., p. 98-111, 2018.

HENGEVELD, K.; HATTNER, M. M. D. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics*, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar*. A typologically based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. *In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (ed.). The grammaticalization of tense, aspect, modality, and evidentiality: A functional perspective*. [Trends in Linguistics. Studies and Monographs 311]. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 11-30.

HENGEVELD, K. *et al.* Perception Verbs in Brazilian Portuguese: A Functional Approach. *Open Linguistics*, v. 5, p. 268-310, 2019.

KILGARRIFF, A.; JAKUBICEK, M.; POMIKALEK, J.; SARDINHA, T. B.; WHITELOCK, P. PtTenTen: a corpus for Portuguese lexicography. *In: SARDINHA, T. B.; FERREIRA, L. S. B. Working with Portuguese Corpora*. London/New York: Bloomsbury Academic, 2014. p. 111-130.

MIRANDA, A. F. *A expressão das evidencialidades reportativa e citativa no discurso jornalístico*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2021.

NOGUEIRA, L. C. *A gramaticalização dos verbos “ver” e “olhar” no português falado do interior paulista: uma abordagem discursivo-funcional*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2021.

REUSE, W. J. Evidentiality in Western Apache (Athabaskan). *In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. Studies in Evidentiality*, v. 54, p. 79-100, 2003.

ROBUSTE, T. B. *Construções [V1+VER] no português brasileiro contemporâneo sob a perspectiva construcional*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018.

ROST-SNICHELOTTO, C. A. *“Olha” e “vê”: caminhos que se entrecruzam*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SARDINHA, T. B.; MOREIRA FILHO, J. L.; ALAMBERT, E. *Corpus Brasileiro*. São Paulo: CEPRI, LAEL, CNPq, Fapesp, PUCSP, 2010.

SILVA, V. H. S. *A expressão lexical da dedução e da inferência em língua portuguesa: uma análise discursivo-funcional*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2020.

TRAMPUS, M.; NOVAK, B. The Internals Of An Aggregated Web News Feed. *In: Multiconference on Information Society, 15, 2012. Anais eletrônicos...* Ljubljana (Slovenia): Jožef Stefan Institute, 2012.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. *In: PRETI, D. (org.). Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p. 81-101.

VENDRAME, V. *Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2010.

VOINOV, V. ‘Seeing’ is ‘trying’: The relation of visual perception to attemptive modality in the world's languages. *Language and Cognition*, v. 5, n. 1, p. 61-80, 2013.